

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XII, Nº 09 – 2008, OUTUBRO
Assinatura até Dezembro de 2009: 14 selos postais de 1º Porte Nacional
Não-comercial (R\$ 0,65) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!
www.haiku.sf.net.br

Sé de brazos robustos, blandos, fragantes; y sé que cuando envuelven el cuello frágil, mi cuerpo, como rosa besada, se abre, y en su propio perfume lánguido exhálase. Ricas en sangre nueva

las sienes laten; mueven las rojas plumas internas aves; sobre la piel, curtida de humanos aires, mariposas inquietas sus alas baten; savia de rosa enciende las muertas carnes! –

José Julián Martí 1853-1895, Ismaelillo, Brazos fragantes; José Martí Poesía Completa, Tomo I, Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

Depois do temporal ainda recente, vejo as árvores verdes, lá no campo, agitadas ao vento indiferente que agora descortina um céu escampo. É quase noite e, alegre, um pirilampo vagueia entre a ramagem, displicente. O quadro é lindo e eu na retina estampo o instante que desejo permanente. De repente me acordo à discrepância entre a chuva em meu bairro e a da favela: aqui tudo tão calmo e lá... tão triste! A imagem que eu gravara não resvala, e se dilui na distância... Só me resta a moldura da janela...

Dorothy Jansson Moretti, Confronto

Já não corro devido minha idade. O coração vai bem, mas não permite. As pernas mostram toda a realidade. Estou chegando quase em meu limite. Mas freqüente, constante, a sociedade. Interesse-me, sempre, por que existe. Enfrento, destemido, a realidade. Pareço alegre, não pareço triste. Ordem dos Bandeirantes, Trovadores, Academias, clubes de mil cores... em todos os lugares, grã freqüência... Para ver se te esqueço, meu amor. Isabel! Te procuro aonde for, cada vez mais profunda a tua ausência.

Lauro de Almeida, Ausência

Fanal 9810: Rua Álvares Machado 22, 1º
01501-030 – São Paulo, SP – Fone: (011) 2212-0193

Talvez sejas igual àqueles que conheço: mentiroso, inconstante, hipócrita e vulgar; e seja um desengano, ainda uma vez, o preço da esperança que vive o meu sonho a embalar... Veda sempre o futuro um longo véu espesso; pode tanto o destino e é tão humano errar... Se me eleva este amor, ou se à sarjeta desço por te querer, que importa agora averiguar? Vens como o sol em pleno outono, e trazes no sorriso, no olhar, no ardor das tuas frases, esse encanto sutil que me prende e seduz; que importa o que virá nesse amanhã incerto? Nos teus olhos eu vejo o azul do céu tão perto... Nos teus braços, tão leve eu sinto a minha cruz!

Colombina, Reflorir

Só depois que nós cedemos à derrota dolorida a ilusão nos passa os remos do barco de nossa vida.

Adélia Victória, 9810
Fanal, Rua Álvares Machado 22, 1º,
01501-030 – São Paulo, SP

As palavras – tem cuidado! –, devem ser bem escolhidas. Se espalham amor de um lado de outro podem lesar vidas!

Angélica Villela Santos, 0809
O Patusco, Caixa Postal 95
61600-000 – Caucaia, CE

O Trovaregre é porreta! tem até retrato a cores... Não é uma simples gazeta – é o farol dos trovadores!!!

Edna Valente Ferracini, 0809
Trovaregre, Caixa Postal 181
37550-000 – Pousos Alegre, MG

Esperança é um passarinho que voa sem direção, procurando certo ninho que se chama coração.

Giselda Medeiros, 0806, Binóculo:
a/c R. José Alves Cavalcante 1163
60822-570 – Fortaleza, CE

Lancei meus sonhos na rua, ah, não pisem neles não. São pedacinhos de lua com recheios de ilusão.

Humberto Del Maestro, 0809
Literatura & Arte – 29090-310
Vitória, ES: R. Aur. Ag. Ferr. 171

Foi tão fácil ir embora (eu até cantei vitória)... hoje, são tempos de outrora, mas a dor é outra história...

Manoel F. Menendez

Juntas sentimos, lechuza silenciosa, que pasa el día. Susana de Luna

Se va el invierno olvidando en mi patio recuerdos lilas. María Celia C. de Casanova

María Celia C. de Casanova

Calles mojadas..., me acompañan la luna y algunas ranas. Liria Miyakawa

Liria Miyakawa

Fin de la siesta. Un infalible trino me ha flechado. Mónica Viviana Asorey

Mónica Viviana Asorey

Cesó la lluvia... Reflejos del arco iris en tus pupilas. Manuel Asorey

Manuel Asorey

Esta mañana el cielo abrió sus ojos en los jazmines. Lia Miersch

Lia Miersch

Silbando el viento entre los pinos viejos, la luna sola. María Haydée Aguilar

María Haydée Aguilar

Haiku Antologia, 1998 – www.seibu.com.ar – Faro Editorial: C. C. 149 – Sucursal 24, (1424) Buenos Aires, República Argentina – mourelle@interlink.com.ar

Traduzir é uma arte improvável, costumam dizer os tradutores. Afinal é muito difícil haver uma correspondência absoluta entre o que o escritor quis dizer e o novo texto. Artur Fonseca, Super Interessante 254-A

TEMAS DA ESTAÇÃO PRIMAVERA – QUIDAIS DE PRIMAVERA

Crianças felizes, brincando com mexilhões, garimpam a praia. Ailson Cardoso de Oliveira

No Dia do Médico, pronto-socorro lotado. O bolo derrete. Daryl O. Barros

Despede-se o frio. Nos fundos da minha casa, muita folha nova. Humberto Del Maestro

Todo encolhidinho sobre o chinelo esquecido – filhote de gato. Iraí Verdán

Com fila na Câmara, para abraços, Barnabé, feliz no seu Dia! Leonilda Hilgenberg Justus

Dia do Livro. Na cadeira de balanço leitora nem pisca. Manoel F. Menendez

Do centro da praça o vermelho toma conta. Flores de abricó. Roberto Resende Vilela



HAICUS EM FOLHA

Um buquê de rosas no Dia do Professor saudando a mestra. F Alba Christina

Um perfume cítrico viajando pelo ar flor de laranjeira. R Alba Christina

Abracos fraternos, no Dia do Professor, comovem os mestres. R Amália Marie Gerda

Escola fechada. No Dia do Professor crianças na rua. R Analice Feitoza de Lima

Perfume exalando em torno do meu quintal. Flor de laranjeira. Z Analice Feitoza de Lima

No jardim florido, embelezando o momento. Abelha na flor. R Argemira F. Marcondes

Na frente da escola, homenagem merecida. Dia do Professor. R Argemira F. Marcondes

Amanhece o dia pão doce na mesa abelha voando. A Cassio Caio Prados

Quadro-negro branco, alunos conversando Dia do Professor. Z Cassio Caio Prados

Lágrimas nos olhos no Dia do Professor. Aplausos de alunos. C Daryl O. Barros

Em torno das flores balé coreografado: ciranda de abelhas. F Daryl O. Barros

Flor de laranjeira perfuma o altar da igreja. Buquê de noiva. I Daryl O. Barros

Sala de aula: no Dia do Professor os bancos vazios. F Denise Cataldi

No canteiro em flor as diligentes abelhas recolhem o pólen. I Denise Cataldi

Flor de laranjeira. Perfume de primavera atrai beija-flor. R Djalda Winter Santos

Crianças em fila presente nas mãos Dia do Professor. Z Edmilson Felipe

Ancião descansa dormitando na varanda. Abelha ao redor. I Flávio Ferreira da Silva

Zunindo, a espaços, pausa e voa, pausa e voa. Abelha entre flores. I Manoel F. Menendez

A mestra, elegante, no Dia do Professor. Muitos cumprimentos. I Manoel F. Menendez

Flor de laranjeira no caminho do altar. A noiva sorrindo. I Manoel F. Menendez

Vaso de cristal, buquê perfumando a sala: flor de laranjeira. C Neuza Pommer

No parque, abelha sobrevoa sorvete em mão de menina. I Neuza Pommer

No pomar da casa suave aroma se espalha. Flor-de-laranjeira. C Regina Célia de Andrade

Apicultor faz a retirada dos favos. Zumbido de abelhas. I Regina Célia de Andrade

Vendedor capricha no embrulho do presente. Dia do Professor. I Regina Célia de Andrade

Colméia no chão. Abelhas voando atrás de garoto astuto. R Renata Paccola

Ondas perfumadas tomam conta do quintal. Flor de laranjeira. B Roberto Resende Vilela

Escola sem aulas. No Dia do Professor, comemorações. R Roberto Resende Vilela

O hocu era e é a partida para o encadeamento de estrofes conhecido como haicai, e nada tem a ver com os demais tercetos ou duetos deste. O hocu (literalmente *estrofe inicial*), devido a sua função no encadeamento, era e é um terceto aberto. Considero o haicu com seus mesmos princípios, e contendo um corte no texto, a mais antiga poesia moderna do mundo. O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sazão), *seu único principal motivo*:

é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluirmos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, alterações nos seus substantivos, etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fácil entendido, *só persistindo*. Vamos lá, comece já! Num Quadro Final (análise dos votantes e votados do mês), à parte, orientaremos sobre os tercetos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção para os mesmos. *Aguardamos seus trabalhos*.

SELEÇÕES MENSAIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.10.08, enviar até 3 haicus de quigos: Esteira de praia, Sensitiva, Sesta.
Até o dia 30.11.08, enviar até 3 haicus de quigos: Apuração (Carnaval), Aranha, Samambaia.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez

Rua Des. do Vale 914, Apto. 82
05010-040 - São Paulo, SP

ou
mfmenendez@superig.com.br

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.
2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterà o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.
4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

Mais vale um haicu enviado do que três na mão!

T R E V O S À M O D A O C I D E N T A L , T R E V O S P E R S O N A G E M E O U T R O S

Profusão de fé, em louvor à Padroeira os sinos festejam. Amauri do Amaral Campos	Igualzinho a todos, Barnabé tem seu dia. No vaso uma flor. Cecy Tupinambá Ulhôa	Leveza do vento, na ternura que agasalhas. Potrilho tão belo. Elen de Novais Felix	Planta direta e a terra se cobre toda. Dia do Agrônomo. Fernando Vasconcelos	Dia da Criança. Vamos todos cirandar com alegria. Flávio Ferreira da Silva	Semana da Asa equadrilhes se exibem. Há festa no céu. Hélcio Durso	É Dia da Ave! Rebulição no poleiro. Festaça intuitiva. Nadyr Leme Ganzert
---	--	---	---	---	---	--

O C O L A R D E D I A M A N T E S

Henri René Albert Guy de Maupassant (05.08.1850-06.07.1893), Bola de Sebo e Outros Contos – Clássicos Globo, 1987; tradução: Mário Quintana, Casimiro Fernandes, Justino Martins – Editora Globo S.A.

Era uma dessas moças lindas e encantadoras, nascidas, como por um erro do destino, numa família de funcionários. Não tinha dote nem esperanças, nenhum meio de ser conhecida, compreendida, amada, desposada por um homem rico e distinto; e deixou que a casasse com um amanuense do Ministério da Instrução Pública.

Ela foi singela e modesta, já que não podia entregar-se ao luxo, mas infeliz como uma desclassificada; pois as mulheres não têm casta nem raça, e a sua beleza, a sua graça e o seu encanto é que lhes servem de nascimento e de família. A delicadeza nata, o instinto da elegância, a finura de espírito são a sua única hierarquia, e fazem das filhas do povo rivas das mais altas damas.

Sentindo-se nascida para todas as delicadezas e para todos os luxos, ela sofria continuamente. Sofria com a pobreza da sua casa, a miséria das paredes, com as cadeiras puídas, os estofados de mau gosto. Todas essas coisas, que qualquer outra mulher da sua casta nem mesmo teria notado, a torturavam e indignavam. A vista da pequena breta que a servia despertava nela profundos pesares e sonhos sem fim. Ela pensava nas antecâmaras silenciosas, forradas de panos orientais, iluminadas por altos candelabros de bronze, e nos dois grandes laiaços de calções curtos que cochilam nas vastas poltronas, com o calor pesado do aquecedor. Pensava nos grandes salões revestidos de seda antiga, nos móveis finos carregados de bibelôs inestimáveis, e nos graciosos, e nos graciosos salões perfumados, feitos para a conversa das cinco horas com os amigos mais íntimos, os homens conhecidos e cortejados, cuja atenção todas as mulheres invejam e desejam.

Quando, na hora do jantar, sentava-se à mesa redonda coberta de uma toalha de três dias, defronte ao marido que destapava a terrina, declarando com um ar encantado: “Ah! Que lindo cozido! Não há nada melhor que isto...”, ela pensava nos jantares finos, na prataria brilhante, nas tapeçarias a povoarem os muros de personagens antigos e de pássaros estranhos em meio a uma floresta de magia; pensava nos pratos esquisitos, servidos em maravilhosas baixelas nas galanterias ditas num sussurro e escutadas com um sorriso de esfinge, enquanto mordiscava a carne rósea de uma truta ou uma asa de frango.

Não tinha toaletes, nem jóias, nada. E só gostava disso, sentia-se feita para isso. E gostaria tanto de agradar, de ser invejada, sedutora, assediada!

Tinha uma amiga rica, uma colega do colégio, que não queria mais visitar, tanto isto a fazia sofrer. Pois na volta ela chorava durante dias inteiros, de desgosto, de pensar, de desesperar e de desolação.

Ora, uma tarde o marido chegou com um ar triunfante, trazendo na mão um grande envelope.

– Olhe – disse ele –, eu trouxe uma coisa para você.

Ela rasgou vivamente o papel e retirou um cartão impresso com os seguintes dizeres:

O ministro da Instrução Pública e Mme. Georges Ramponneau têm a honra de convidar M. e Mme. Loisel para o sarau que se realizará no Palácio do Ministério, no dia 18 de janeiro, segunda-feira.

Em vez de ficar radiante, como esperava o marido, ela atirou com despeito o convite em cima da mesa, murmurando:

– Que quer que eu faça com isso?

– Mas, minha querida, pensei que você ficaria contente. Você nunca sai, nunca aparece. E esta é uma bellissima ocasião. Não imagina o trabalho que eu tive para conseguir esse convite. Todos querem: é muito procurado; e há muito poucos para distribuir aos funcionários. Você verá lá todo o mundo oficial.

Ela o analisava com um olhar irritado e declarou com impaciência:

– Mas o que você quer que eu vista para ir?

Ele não tinha pensado nisso; e balbuciou:

– O vestido com que vai ao teatro... Ele me parece muito bem...

Calou-se, estupefado, desorientado, vendo que sua mulher chorava. Duas grossas lágrimas desciam, lentamente, no canto dos olhos para o canto dos lábios; ele gaguejou:

– O que você tem? O que você tem?

Mas, num violento esforço, ela se dominara e respondeu com uma voz calma, enguando as faces úmidas:

– Nada. Somente que eu não tenho toalete e por conseguinte não posso ir a essa festa. Dê o convite a qualquer colega cuja mulher possa vestir-se melhor do que eu.

Ele estava desolado. Falou-lhe:

– Vejamos, Mathilde. Quanto custaria uma toalete conveniente, que ainda pudesse servir em outras ocasiões, alguma coisa bastante simples?

Ela refletiu alguns segundos, fazendo suas contas e pensando também na soma que poderia pedir sem provocar uma recusa imediata e uma exclamação de horror do econômico amanuense.

Enfim, ela respondeu, com hesitação:

– Não sei ao certo, mas me parece que com uns quatrocentos francos eu poderia arranjar a coisa.

Ele empalidecera um pouco, pois tinha reservado justamente aquela soma para comprar um fuzil e fazer caçadas com alguns amigos, aos domingos, no próximo verão, em Nanterre.

Mas disse:

– Está bem. Eu te dou quatrocentos francos. Mas trate de arranjar um belo vestido.

Aproximava-se o dia da festa, e Mme. Loisel parecia triste, inquieta, ansiosa. Contudo seu vestido estava pronto. O seu marido lhe disse uma noite:

– O que você tem? Ha três dias que andas com um jeito esquisito.

E ela respondeu:

– Aborreço-me não ter uma jóia, uma pedra, nada para pôr. Assim, continuarei com um aspecto de miséria. Eu ate preferia não ir a essa festa.

Ele insistiu:

– Ponha flores naturais. É muito chique nesta estação. Por dez francos, terá duas ou três rosas magníficas.

Ela não estava convencida.

– Não... não há nada mais humilhante do que ter um ar de pobre em meio de mulheres ricas.

Mas o marido exclamou:

– Como você é tola! Vá procurar tua amiga Mme. Forestier e peça-lhe

uma jóia emprestada. Tem bastante intimidade com ela para isso.

Ela lançou um grito de alegria:

– É verdade. Eu não tinha pensado em tal coisa.

No dia seguinte ela foi à casa da amiga e lhe expôs sua situação.

Mme. Forestier foi ao seu armário de espelho, pegou um grande cofre, trouxe-o, abriu-o, e disse a Mme. Loisel:

– Escolha, minha querida.

Ela examinou uns braceletes, depois um colar de pérolas, depois uma cruz veneziana, ouro e pedrarias, de um admirável valor. Experimentava as jóias diante do espelho, hesitava, não podia decidir-se a deixá-las, a devolvê-las. Perguntava sempre:

– Não tem mais outra coisa?

– Claro. Procure. Eu não sei o que pode agradá-la.

De repente ela descobriu, num estojo de cetim negro, um soberbo colar de diamantes; e o seu coração pôs-se a bater num imoderado desejo. Suas mãos tremiam ao segurá-lo. Ela o atou por cima do peitilho, e ficou em êxtase diante de si mesma.

Depois perguntou, hesitante, cheia de angústia:

– Pode emprestar-me este, somente este?

– Como não? Está às ordens.

Ela saltou no pescoço de sua amiga, beijou-a com frenesi, depois fugiu com o seu tesouro.

Chegou o dia da festa. Mme. Loisel obteve um verdadeiro sucesso. Ela era a mais linda de todas, elegante, graciosa, sorridente e louca de alegria. Todos os homens a olhavam, perguntavam seu nome, procuravam ser apresentados. Todos os adidos do gabinete queriam dançar com ela. O ministro notou-a.

Ela dançava com embriaguez, com êxtase, arrebatada pelo prazer, sem pensar em mais nada, na apoteose da sua beleza, na glória do seu sucesso, em uma espécie de nuvem de felicidade, feita de todas aquelas homenagens, de todas aquelas admirações, de todos aqueles desejos despertados, daquela vitória completa e tão grata ao coração das mulheres.

Ela partiu pelas quatro da manhã. Seu marido, desde a meia-noite, dormia numa saleta deserta com três outros senhores cujas mulheres se divertiam muito.

Ela lançou-lhe sobre os ombros que trouxera para a saída, modestos abrigos da vida ordinária, cuja pobreza contrastava com a elegância do vestido de baile. Ela o percebeu e quis fugir, para não ser notada pelas outras mulheres, que se envolviam em luxuosos casacões.

Loisel a segurava:

– Espere, Vai se resfriar assim. Eu vou chamar um fiacre.

Ela, porém, não escutava e descia rapidamente a escadaria. Quando chegaram à rua, não encontraram carro; e puseram-se em busca de um, chamando os cocheiros que viam passar ao longe.

Desciam ambos na direção do Sena, desesperados, tirantes. Enfim, acharam no caos um desses velhos cupês noctâmbulos, que só aparecem em Paris ao cair da noite, como se ficassem envergonhados da sua miséria durante o dia.

Ele os levou até sua porta, na rua dos Mártires, e os dois subiram tristemente para os aposentos. Estava acabado para ela. E ele pensava que seria preciso estar no Ministério às dez horas.

Ela tirou o abrigo que pusera nos ombros diante do espelho, a fim de ver-se uma vez mais em toda sua glória. Mas de súbito soltou um grito. O colar não estava mais no seu pescoço.

O marido, já meio despido, perguntou:

– O que você tem?

Ela voltou-se louca de medo:

– Eu... eu... eu não tenho mais o colar de Mme. Forestier.

Ele ergueu-se desvairado:

– Quê!... Como!... Não é possível!

E procuraram nas pregas do vestido, nas dobras do casacão, nos bolsos, por toda parte.

Ele perguntava:

– Tem certeza de que ainda o tinha ao deixar o baile?

– Sim, eu toquei nele no vestíbulo do Ministério.

– Mas se você houvesse perdido na rua, nós o teríamos ouvido cair.

Deve estar no fiacre.

– Sim. É provável. Guardou o número?

– Não. E você, não reparou?

– Não.

Eles se contemplaram aterrados. Enfim Loisel tornou a vestir-se.

– Eu vou – disse ele – refazer todo o trajeto que fizemos, a pé, para ver se o encontro.

E ele saiu. Ela ficou de vestido de baile, sem forças para deitar-se, atirada numa cadeira, sem ânimo, sem pensamento.

O marido voltou pelas sete horas. Nada havia encontrado.

Ele foi à cheftatura de polícia, aos jornais, para prometer uma recompensa, às pequenas companhias de transportes, a toda parte, enfim, aonde uma suspeita de esperança o levava.

Ela esperou todo o dia, no mesmo estado de terror ante aquele medonho desastre.

Loisel voltou à noite, desfigurado, pálido, nada descobrira.

– É preciso – disse ele – escrever a sua amiga, contando-lhe que você quebrou o fecho do colar e que o mandou consertá-lo. Isto nos fará ganhar tempo.

E ele ditou-lhe a carta.

Ao fim de uma semana, toda esperança estava perdida.

E Loisel, envelhecido cinco anos, declarou:

– É preciso substituir o colar.

Tomaram no dia seguinte o estojo que o encerrara, e foram ao joalheiro cujo nome se achava impresso no seu forro. Ele consultou seus livros:

– Não fui eu madame quem vendeu o colar; devo ter fornecido apenas o estojo.

Então, foram de joalheiro em joalheiro, procurando um colar igual ao outro, consultando a sua memória, ambos doentes de pena e de angústia.

Acharam, numa loja do Palais Royal, um colar de diamantes que lhes pareceu corresponder exatamente ao que procuravam. Custava quarenta mil francos. Mas o deixariam por trinta e seis mil.

Pediram então ao joalheiro que não o vendesse antes de três dias. E ficou combinado que o devolveriam por trinta e quatro mil francos, se o primeiro fosse encontrado antes do fim de fevereiro.

Loisel possuía dezoito mil francos, que seu pai lhe havia deixado. Pedira emprestado o resto.

Conseguiu mil francos com um, quinhentos com outro, cinco luíses aqui, três luíses acolá. Assinou promissórias, assumiu compromissos ruinosos, houve-se com usuários, com toda casta de agiotas. Comprometeu todo o fim da sua existência, arriscou sua assinatura sem saber se poderia garanti-la, e atemorizado com as angústias do futuro, com a miséria negra que ia abater-se sobre ele, com a perspectiva de todas as privações físicas e de todas as torturas morais, ele foi buscar o colar novo, pousando sobre o balcão do negociante os trinta e seis mil francos.

Quando Mme. Loisel levou o colar a Mme. Forestier, esta disse, com um ar irritado:

– Você deveria tê-lo trazido mais cedo, pois eu poderia precisar dele.

Ela não abriu o estojo, o que mais temia sua amiga. Se a teria notasse a substituição, o que não pensaria? O que não diria? Não a teria tomado por uma ladra?

Mme. Loisel conheceu a vida horrível dos necessitados. Ela tomou seu partido, aliás, sem hesitações, heroicamente. Era preciso pagar aquela dívida terrível. Ela pagaria. Despediram a criadinha, mudaram de casa, alugaram uma água-furtada.

Ela conheceu os trabalhos grosseiros da casa, as odiosas tarefas da cozinha. Lavou os pratos, estragou as unhas róseas na louça gordurenta e no fundo das caçarolas. Ela ensabou a roupa suja, as camisas e os esfregões, que fazia secar numa corda; manhã após manhã, carregou o lixo para a rua e a água para dentro, parando a cada andar para tomar fôlego. E, vestida como uma mulher do povo, foi ao mercadinho, ao vendeiro, ao açougueiro, regateando e recebendo injúrias, defendendo cobre a cobre o seu miserável dinheiro.

Ela precisou cada mês pagar letras, renovar outras, conseguir prazo.

O marido fazia à tardinha a escrita de um comerciante e, de noite, muitas vezes, fazia cópia a cinco *sous* a página.

E esta vida durou dez anos.

Ao fim de dez anos, haviam restituído tudo, tudo, com a taxa do ágio e o acúmulo dos juros superpostos.

Mme. Loisel parecia velha agora. Tornara-se a mulher forte, rija e rude, dos lares pobres. Mal penteada, com as saias de viés e as mãos vermelhas, ela falava alto, lavava os soalhos. Mas às vezes, quando seu marido estava na repartição, ela sentava-se junto à janela e pensava naquela festa de outrora, naquele baile em que fora tão bela e tão festejada.

Que teria acontecido, se não houvesse perdido aquele colar? Quem sabe? Quem sabe? Como a vida é estranha, mutável! Basta um quase nada, para nos perder ou para nos salvar!

Ora, um domingo, ao dar uma volta pelos Campos Elíseos, para descansar dos trabalhos da semana, ela avistou de repente uma mulher que passava com um menino. Era Mme. Forestier, sempre jovem, sempre bela, sempre sedutora.

Mme. Loisel sentiu-se comovida. Deveria falar-lhe? E, agora que já havia pago, lhe contaria tudo. Por que não?

Aproximou-se.

– Bom-dia Jeanne.

A outra não a reconhecia, espantando-se por ser chamada de modo tão familiar por aquela mulher do povo. Ela balbuciou:

– Mas... madame!... Eu não compreendo... Deve estar enganada.

– Não. Eu sou Mathilde Loisel.

A amiga soltou um grito:

– Oh!...minha pobre Mathilde, como estás mudada!...

– Sim, eu tenho atravessado dias bastante duros, desde que a vi a última vez; e muita miséria... e tudo isto por sua causa!...

– Por minha causa! Como assim?

– Não se lembra daquele colar de diamantes que me emprestou para a festa do Ministério?

– Sim. E daí?

– Pois bem, eu o perdi.

– Mas como! Se o devolveu.

– Eu devolvi um outro igual. E levamos dez anos para pagá-lo. Bem compreende que não era muito fácil para nós, que não tínhamos nada... Enfim, acabou-se, e eu sinto-me contente, afinal!.

Mme. Forestier estacou, de súbito.

– Está me dizendo que comprou um colar de diamantes para substituir o meu?

– Sim. Não notou nada, hein? Eles eram idênticos.

E ela sorria com uma alegria orgulhosa e ingénua.

Mme. Forestier, muito comovida, lhe tomou as duas mãos.

– Oh! minha pobre Mathilde! Mas o meu colar era falso. Valia quando muito uns quinhentos francos!...